

## VIVENDO SOB O SIGNO DO CAPITAL: SUBJETIVAÇÃO E REPRESENTAÇÕES NO CAPITALISMO

[LIVING UNDER THE SIGN OF CAPITAL: SUBJECTIVATION AND REPRESENTATION UNDER CAPITALISM]

Ana Paula Salviatti \*  
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**RESUMO:** Neste artigo propõe-se encarar o capitalismo como forma social portadora de signos, onde sujeitos reificados compartilham significantes adequados à forma mercadoria, elaboram suas individualidades por meio de parâmetros e valores sociais comungados pelo mercado, e identificam seus sentidos e comportamentos por meio da realidade instituída que granjeia a mercadoria como sua forma universal de expressão. Busca-se instituir as bases do problema através do desenvolvimento da contradição Capital e Trabalho para então apontar que criação de novas formas de subjetivação é caminho necessário para o desenvolvimento de novas relações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reificação; subjetividade; mercadoria; representação; signos

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze capitalism as a sign-bearing social form, where reified subjects share signifiers that suit the commodity-form, develop their individualities through social parameters and values shared by the market, e identify their meanings and behaviors through the established reality that cultivates the commodity as its universal form of expression. The goal is to outline the grounds of the issue by developing the Capital-Labor contradiction to, then, suggest that the creation of new forms of subjectivation is the necessary path to develop new social relations.

**KEYWORDS:** Reification; subjectivity; commodity; representation; signs

Antes que qualquer determinação possa ser feita sobre a economia capitalista, é preciso ter claro que ela é parte de uma forma social específica, ou seja, uma das dimensões dispostas sob o capitalismo, o qual produz e reproduz subjetividade, e, por assim fazê-lo, é capaz de direcionar as forças sociais produtivas para o sentido da reprodução do valor.

Há uma racionalidade<sup>1</sup> própria a essa forma social, subjacente ao capital, que produz e reproduz subjetivações, estruturada entre significantes e significados, que codificam e decodificam o universo através de uma linguagem numérica, econômica e quantitativa<sup>2</sup>.

Enquanto campo de estudos, a economia refletiu o sentido da racionalidade capitalista ao longo de sua história ao adaptar-se às determinações de seu objeto de estudos. Assim, ao longo da história deslocou-se do campo da economia política para o

\* *Doutoranda em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo, USP. E-mail: salviattitrabalho@gmail.com*

da ciência econômica e política monetária, e mais atualmente para a econometria. Esta última, por sua vez, é a área onde o estudo da economia transformou-se na observação e modelagens de variáveis matemáticas, plasmando o estágio avançado a que se encontra a economia capitalista em seu percurso de racionalização.

O questionamento que antecede as inúmeras observações possíveis sobre o estado atual do desenvolvimento capitalista é o de como ele, o capitalismo, tomado a partir de seus contornos, como forma social, produz representações. Assim, devemos nos perguntar como esta forma social significa a subjetividade dos indivíduos enquanto promove a contínua reprodução de seu sentido? Como a forma social capitalista toma a gramática dos afetos e delimita o horizonte de expectativas dos seus membros? Como compreender o universo de representações continuamente produzido pelo pensamento originado por este ordenamento que não necessariamente produz algo real, mas abstrações do real? Sobre esse conjunto de questões pretendemos realizar o esforço de delimitar e instituir o problema no escopo da interdisciplinaridade por ele exigida, e, por esta forma, não poderia ser diferente, no hall da teoria crítica<sup>3</sup>.

O capital engendra as formas que tornam os agentes econômicos até certo ponto conscientes do que fazem e, assim, capazes de reproduzir com eficácia o sistema em que vivem. De fato, ao redigir *O capital*, Marx chega a falar da constituição de um “modo de representação capitalista<sup>4</sup>”, em flagrante correspondência com o “modo de produção capitalista”, limitando o nível de consciência que os agentes podem e devem ter e delineando a forma pela qual o “algo real” é representado “realmente”. Trata-se de uma inversão que, antes mesmo de ser percebida, é operada pelo “modo de produção” do capital em um âmbito da sociabilidade de que não se tem consciência. (GRESPLAN, 2019, pág. 9.)

A subjetividade produto da forma de socialização capitalista não se manifesta imediatamente na consciência dos indivíduos, certo que não; todavia, o capitalismo é continuamente representado e apreendido pelo pensamento, de maneira não necessariamente real, mesmo que realmente haja o esforço por parte do pensamento reificado e dominante em fazê-lo.

O que o capitalismo evoca aos indivíduos para que este seja desejado pelos mesmos, e, especialmente, existiria meio possível para desfazer tais mediações e desativar afetos por ora capturados pelo horizonte social? O que mantêm explorados ao lado daqueles que os exploram; como os indivíduos buscam e aprovam a própria repressão<sup>5</sup>? Incluímos-nos junto à longa tradição de autores que fizeram estas perguntas e as sondaremos a partir dos alongamentos históricos que caracterizam o desenvolvimento da forma social capitalista.

Talvez, a melhor forma de colocar inicialmente o problema seja que, apesar da existência de resistência, a forma social capital existe porque consegue fazer com que seus valores sejam os valores comuns à sociedade, e só consegue isso porque passa a maior parte do tempo assegurando-se de que esses valores não sejam questionados, pois é da aderência a eles que depende a coesão da forma social.

A sobrevivência do capital como forma social passa diretamente pela manutenção desta visão compartilhada, eliminando e ou convertendo outras possibilidades que possam surgir<sup>6</sup>. Com efeito, quando se trata, para Marx, de definir o capitalismo, ele começa por invocar o advento de uma só subjetividade global e não qualificada, que capitaliza todos os processos de subjetivação, “*todas as atividades sem distinção*”, “*a atividade produtora em geral*”, “*a essência subjetiva única da riqueza*.”, “*trabalho humano médio abstrato*”, etc. *O capitalismo se forma quando o fluxo de riqueza não*

qualificado encontra o fluxo de trabalho não qualificado e se conjuga com ele. (DELEUZE; GUATARRI, 1980, pág. 132).

Vejamos isso mais de perto.

## RELAÇÃO SUJEITO E OBJETO

A análise genética da Teoria do Valor apresentada em O Capital nos permite observar que o movimento dialético fundante do capital encontra-se na relação subsumida e invertida estabelecida entre Sujeito e Objeto.

Na execução da dialética entre capital e trabalho assalariado é instituído que o *Sujeito Trabalho* será reproduzido como *Objeto trabalho assalariado*. A apresentação reconfigurada do *Trabalho* como objeto trabalho assalariado é resultado da subsunção investida contra ele pelo, então, travestido, *Sujeito Capital*. Por meio da subsunção do *Trabalho* ao *Sujeito Capital*, emerge, como expressão dessa relação fundamental, o trabalho em sua forma assalariada,- momento da totalização na qual o *Sujeito Capital* investe.

O resultado da contradição entre capital e trabalho assalariado aparece socialmente quando o trabalhador perde a qualidade de *ser* a origem das coisas que produz e tal qualidade é capturada por aquele que se investe de *Sujeito*, o capital. O sequestro da qualidade de origem é estabelecido e formalizado através do direito à propriedade privada, signo originário da forma social capital. A operação realizada possui valor social, é aceita socialmente e sua manifestação no concreto aparece por meio da garantia de propriedade privada e a generalização da forma mercadoria.

Por meio da forma mercadoria tudo se investe da propriedade de ser comprado e vendido, a universalização da forma mercadoria não só realiza como generaliza o direito da propriedade privada, conforme a forma mercadoria é expandida também são as possibilidades do direito a propriedade.

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como um a “imensa coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por tanto, com a análise da mercadoria. (MARX, 1985, pág. 45)

A conversão do *Trabalho (Sujeito)* para trabalho assalariado (*Objeto*) é feita através da relação de trabalho assalariada. O *Trabalho* é organizado, direcionado e utilizado como momento, como qualidade daquele que se apresenta *realmente* como o produtor dos objetos por ele produzidos, o capital.

As manifestações de um sujeito vampirizador são qualidade do *Sujeito Capital* que se realiza alienando, invertendo e pondo do avesso a origem das relações produzidas socialmente. Os produtos gerados por meio desta relação particular de trabalho apresentam-se como frutos de trabalho do *Capital*, representando o resultado da subsunção que o *Capital* aplica ao *Trabalho*.

O Capital é uma espécie *Sujeito*<sup>7</sup>, mais especificamente um *sujeito frustrado*, pois se utiliza do verdadeiro *Sujeito*, - o *Trabalho*, a origem e força produtiva, em outras palavras a *Essência*, - para emular sua representação e ordenamento social. Assim, o *sujeito frustrado* capital apropria-se do real *Sujeito*; toma seu lugar e passa a representar a realidade através da sua definição, o produto desta ação encarna-se na mercadoria. A forma mercadoria carrega a marca dessa frustração através do fetiche a que ela se faz representar, o traço de origem que dá forma à mercadoria faz referência direta à deformação que a produziu.

Enquanto a marca da subsunção aparece na mercadoria em sua dimensão fetichizada, o trabalhador assalariado, posto na condição de objeto da produção, terá sua condição reificada<sup>8</sup>. Esvaziado e sem autoria, o trabalhador assalariado envolvido na produção de mercadorias é simples objeto daquilo que produz *realmente*. A relação de alienação é o selo que nomeia esse circuito de conversão de *Sujeito* em objeto proposto pelo *Capital*.

O produto é propriedade do capitalista, e não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor de um dia da força de trabalho. A sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria, por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia, pertence-lhe, portanto, por um dia. Ao comprador da mercadoria pertence a utilização da mercadoria. (...) O capitalista, mediante a compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como fermento vivo. (...) Do seu ponto de vista, o processo de trabalho é apenas consumo de mercadoria, força de trabalho, por ele comprada. (...) O processo de trabalho é um processo entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. (MARX, 1985, pág. 154)

A abstração da realidade produzida pela forma social capital, tomada a partir do real, é resultado direto da configuração alienada e deslocada onde as relações fundamentais são organizadas. Desde o momento em que o indivíduo trabalhador se alija da origem dos produtos sociais, este passa a estabelecer consigo e com os demais, relações reificadas, e, simultaneamente, autonomiza e humaniza o fruto de sua produção, cristalizando o fetiche das mercadorias e das relações por elas permeadas.

O fenômeno social da alienação, que investe o criador por criatura, fundamentado por meio da subsunção e da inversão ativa e continuamente aplicada pelo *sujeito frustrado* capital, resguarda internamente uma relação autoritária fundamental. Apagada a origem social do trabalho, que estrutura a organização de uma sociedade, a alienação orientará as demais manifestações que este homem destituído e reificado produzir; dentre as manifestações que circulam nessa sociedade citamos a religiosidade que cultua o homem abstrato, em forma plena na sociedade burguesa através do cristianismo de ascendência protestante.

Para uma sociedade de produtores de mercadorias, cuja relação social geral de produção consiste em relacionar-se com seus produtos como mercadorias, portanto como valores, e nessa forma reificada relacionar mutuamente seus trabalhos privados como trabalho humano igual, o cristianismo, com seu culto do homem abstrato, é a forma de religião mais adequada, notadamente em seu desenvolvimento burguês, o protestantismo, o deísmo etc. (MARX, 1985, pág. 75).

Recapitulando como anteriormente desenvolvido, na contradição *Capital - Trabalho*, o último é alienado de sua condição de *Sujeito* da relação. O Trabalho é o *Sujeito* propriamente dito, pois é possuidor de *Essência*. Entretanto, ao tê-la sequestrada recebe em seu lugar algo que lhe é falso, tal qual àquele que a toma, e passa a ser *feito em forma de coisa*. O *sujeito frustrado* Capital, por sua vez, é constituído a partir da essência roubada, *vampirizada* do alienado Trabalho.

Entretanto, ao invés do vazio deixado pela sua *Essência* sequestrada, ao Trabalho é assegurada a falsa condição de objeto. Em lugar daquilo que foi alienado do verdadeiro *Sujeito* é posto um substituto falso, que leva a marca do sequestrador. Assim, o capital simula-se como *Sujeito*; como sujeito simulado por extensão precisa de uma essência simulada, que atue como sua substância, e o faz subsumindo o Trabalho como

seu objeto, alienando-o de ser *Sujeito*.

Essa essência que o capital falseia – simula – é essência ficcional, que por sua vez precisa ser vivificada por este Trabalho posto como objeto. O Trabalho precisa pensar-se, identificar-se e agir como objeto, como essência de um capital, para que esta relação possa de fato existir e desenvolver-se.

A essência ficcional que o trabalho assalariado passa a ritualizar é condição fundamental para que a relação capitalista frutifique; o indivíduo precisa atuar como se assim o fosse, e operar através de tais sentidos que lhe são apresentados.

Se a tomada da essência falsa do Trabalho é parte fundamental da construção do *sujeito frustrado* capital, a colocação em seu lugar de uma essência falsa é de tão maior ou igual importância para a realização da relação de subsunção entre Capital e Trabalho.

O limitado nível de consciência que os agentes podem e devem ter (...) uma inversão que, antes de ser percebida, é operada pelo modo de produção do capital em um âmbito da sociabilidade que não se tem consciência. (GRESPLAN, 2019, pág. 10)

## DESENVOLVIMENTO DE UMA SUBJETIVIDADE REIFICADA

A partir do momento em que o real *Sujeito* é alienado de sua qualidade e passa a pensar a si a partir da essência falsa reificada é que temos as condições para que a reprodução da forma social capital se realize. Em outras palavras, quando a subjetivação dos indivíduos passa a ser traduzida dentro dos signos da essência falsa é que o *sujeito frustrado* capital, por sua vez, tem a seu alcance o controle do sentido da reprodução da sociedade.

O indivíduo socializado no capitalismo simboliza, refere e elabora a partir da cosmologia capitaneada pelo capital, posto que ele detém o horizonte dos signos da experiência social.

O fato de a mitologia xamã não corresponder a uma realidade objetiva não tem importância, pois que a paciente nela crê e é membro de uma sociedade que nela crê. (...) fazem parte de um sistema coerente que funda a concepção indígena do universo. A paciente aceita ou, mais precisamente, jamais duvidou deles. (STRAUSS, 2013, pág. 213).

A subjetivação dos sujeitos incluídos em uma sociedade capitalista é baseada na perspectiva de que eles são objeto das ações do capital, de que estão à mercê dos investimentos, planejamentos e administrações realizadas por este outro, e não que são sujeitos de ações conscientes por eles organizadas. Quando o trabalhador vivifica em seu papel alienado, o horizonte de subjetivação é de coisa, não de *Sujeito*.

São as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, os quais por acréscimo embruteceriam e afastariam na verdade os homens oprimidos. A impotência dos trabalhadores não é mero pretexto dos dominantes, mas a consequência lógica da sociedade industrial. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pág. 47)

A reprodução da sociedade é dirigida ao capitalismo e o capitalismo se dirige à valorização do valor. A forma capital organiza as relações sociais e os indivíduos, a fim de que a captura da mais-valia seja adequadamente realizada conforme a lei interna do

valor. Para tanto, é necessário que a sociedade esteja permanentemente disposta à manutenção dessa forma social e ela é assim mantida graças aos signos e significantes compartilhados e a decorrente subjetivação que lhe é conferida ao circuito social. *Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz* (Idem, pág. 47)

O xamã fornece à sua paciente uma linguagem na qual podem ser imediatamente expressos estados não-formulados, e de outro modo informáveis. E é a passagem para essa expressão verbal (que ao mesmo tempo permite viver de forma ordenada e inteligível uma experiência atual, mas que sem isso seria anárquica e indizível) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência de cujo desenrolar a paciente é vítima. (STRAUSS, 2013, pág. 213).

A mercadoria é a forma que medeia as relações entre os indivíduos, e dos indivíduos a si próprios. Auto referenciados como objetos, seus desejos, afetos e pensamentos são pronunciados sobre uma estrutura que apaga o *real* sujeito e distorce a sua origem. Desejos e valores do indivíduo reificado são representados, então, pelo circuito das mercadorias.

Os signos compartilhados são comuns à forma social capital, a socialização dos signos leva a marca da mercadoria, os significados e significantes partilhados pelos membros vinculados a essa sociedade estão referidos ao conjunto de signos comuns ao capital, os quais encontram sentido entre os membros que partilham do mesmo conjunto de signos sociais. Mas não necessariamente são imediatamente tomados em sentido ou entendimento para aqueles que possam compartilhar de outro domínio de signos.

Os brancos costumam empilhar seus bens de modo mesquinho e guardá-los trancados. Por sinal, sempre levam com eles muitas chaves, que são as das casas em que escondem seus pertences. Vivem com medo de ser roubados. E, ao final, só os dão com muita má vontade, ou sobretudo os trocam por peles de papel que também acumulam, pensando em se tornar grandes homens. Devem pensar, com satisfação: “Faço parte do povo da mercadoria e das fábricas! Só eu possuo todas essas coisas! Sou inteligente! Sou um homem importante, sou rico!”. (ALBERT; KOPENAWA, 2015, pág. 419)

Reificados como produzem, alienados daquilo que produzem, submetidos ao destino que não tem controle, quais são as possibilidades de existência que esta subjetivação oferece aos sujeitos? Sem ferramentas para nomearem e refletirem sobre si próprios como sujeitos plenos, as opções são limitadas às condições de autômatos.

O pensar reifica-se num processo automático e autômato, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-la. O esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento (...) O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pág. 37)

O arcabouço simbólico capitalista proporciona experiências permanentemente esvaziadas de sentido íntimo e particular, limitam as representações a partir das suas estruturas de significação com a standardização de sentimentos e experiências padronizadas. O resultado dessa limitação, feita à imagem e semelhança da forma capital, está na dificuldade encontrada pelos indivíduos em até mesmo nomear sentimentos.

Um estudo da Associação Americana de Psicologia aponta que 80% dos homens tem alexitimia, ou seja, são incapazes de reconhecer o que sentem. Na prática, isso quer dizer que medo, frustração, dor, ansiedade, são todas uma única coisa inominável e, portanto, difícil de lidar. Essa dificuldade para expressar sensações pode levar à violência<sup>9</sup>.

Tais como máquinas que exigem lubrificantes, peças, recauchutagens e recondiçionamentos, reparos e consertos, fenômenos como ansiedade, insônia, mania, anorexia, depressão, dentre outros, são administrados através de diagnósticos e soluções farmacológicas<sup>10</sup>. A irrupção de tais fenômenos expõe sujeitos não adequados à carapaça dura feita de aço<sup>11</sup> que é a subjetivação proporcionada pela gramática mercadoria.

Quando observo essa sociedade, vejo vícios em quase todos os níveis, diversas compulsões. Mais do que isso, vejo toda uma economia baseada em atender a esses vícios. (...) As pessoas costumam dizer que o vício "oferecia um alívio para a dor, uma saída para o estresse, dava um senso de conexão, uma noção de controle, de significado, a sensação de estar vivo, entusiasmo, vitalidade". Em outras palavras, o vício preencheu uma necessidade humana que era essencial, mas que não tinha sido satisfeita na vida daquela pessoa. Todos esses estados — da ausência de conexão e do isolamento até o estresse no dia a dia — eram de dor emocional. (MATÉ, 2019)

O traço de origem da forma capital toma relevo diante da incapacidade da essência falsa, atribuída aos trabalhadores objetificados, de realizar-se plenamente, assim como acontece ao *sujeito frustrado* capital, que recursivamente se vê frustrado em sua trajetória de totalização. Assim como as crises manifestam-se dessa disposição incompleta do capital como sujeito totalizante, o adoecimento dos indivíduos nessa sociedade é sintoma de que a adequação dos indivíduos a condição de objetos deforma os sujeitos, ou, melhor, impõe a eles condições artificiais<sup>12</sup>.

As subjetivações reificadas sobrepõem à realidade vivida dos sujeitos os contornos do signo da mercadoria, os indivíduos expressam-se por meio dos significados e significantes adequados a esse conjunto formal. Diante da relação vivida entre os sujeitos reificados e destes com o meio social observamos o imperativo da troca e a busca por soluções imediatas e consumíveis.

Como a troca entre as mercadorias é viabilizada pelo dinheiro, o povo mercadoria relaciona seus trabalhos, objetos e valores pessoais por meios quantitativos. O *quiproquó* da propriedade privada se manifesta concretamente na sociedade quando opera integralmente a inversão entre *Ser* e *Ter*: ter resignifica a condição de ser, a *quantidade* se transforma em *qualidade*, ao proprietário privado o poder social se carrega no bolso<sup>13</sup>.

Isso, porém, não elimina o mal-estar ou o adoecimento dos sujeitos que estão sujeitos a esse horizonte reificante; por mais que a realidade busque adequar os indivíduos, o real permanece *Sujeito*. As diversas expressões de inadequação são de certa forma a restauração colateral de indivíduos continuamente reduzidos ao universo reificado cooptado pela forma capital. O adoecimento revela a discrepância entre a subjetivação requerida e a disponibilizada.

Praticamente todas as atividades podem ser viciantes, dependendo da nossa relação com elas. Contanto que haja constante desejo e alívio, com consequências negativas a longo prazo, e dificuldade de simplesmente parar, você tem um vício. Eu tive dois grandes vícios. Um deles era o trabalho, que me levou a ignorar minhas próprias necessidades e as da minha família para buscar sucesso e



satisfação profissional. Essa dependência baseava-se em um sentimento profundo de que eu não era bom o bastante, de que precisava me provar, e em uma crença inconsciente de que eu não poderia ser amado e querido. O mundo, então, recompensa esse "workaholic altruista". (...) Talvez você pense que essa comparação é risível — como poderia comparar tal vício ao de pacientes dependentes de heroína? Mas meus próprios pacientes não riam quando eu contava a eles sobre isso. Eles balançavam a cabeça e diziam "é, doutor, a gente entende, você é como todos nós". O ponto é que assim somos todos nós. (MATÉ, 2019)

## COLEÇÃO DE MERCADORIAS

Para Deleuze e Guatarri (1974, 1980), qualquer forma desviante que possa vir a ameaçar a forma de sociabilidade capitalística, ao que os autores designaram como 'fluxos descodificados' é função do Estado axiomatizar<sup>14</sup>, posto que para estes é no interior do Estado Nação que ocorrem os processos de subjetivação, onde são produzidos os desejos<sup>15</sup>, modos de sentir, viver e perceber que interessam à manutenção da forma social do capitalismo.

A subjetividade capitalística, para estes autores, é caracterizada pela produção do desejo, desejo esse agenciado e produzido pelo Estado, que por sua vez é difundido através da tv, rádio, cinema, internet, escola, família... etc. A produção de subjetividade concerne à produção de desejo, os quais são sempre desejos produzidos por agenciamentos de poder que produzem uma subjetividade capitalística, que visão constituir modos de sentir, de ver o mundo, de pensar, de consumir. Tudo produzido por agenciamentos de poder que produzem nos sujeitos esse tipo de desejo.

A axiomática capitalista é a produção para o mercado. Assim, qualquer desvio deve ser re-territorializado, reconfigurado para caber nos moldes da produção de mercado. O processo de axiomatização consiste em fazer com que aquilo que antes ameaçava a totalização da forma capitalista, passe a estar a serviço do mercado.

Em períodos de crise na reprodução do valor, a atividade de agenciamento de desejos é ainda mais intensa e importante na eliminação de possíveis desvios. Segundo Guatarri, a produção de subjetividade capitalística talvez seja a produção mais importante do capitalismo<sup>16</sup>.

A máquina social é literalmente uma máquina, independentemente de qualquer metáfora, porque tem um motor imóvel e faz diversos tipos de cortes: extração de fluxo, destacamento de cadeia, repartição de partes. Codificar os fluxos - o que implica todas estas operações - é a mais importante tarefa da máquina social. (DELEUZE; GUATARRI, 1974, pág. 145)

As relações implicadas sob o horizonte capitalista estão subordinadas a estrutura simbólica a ela remetida. Em outras palavras, o capitalismo produz a sua própria representação da realidade, através de uma estrutura simbólica compartilhada pelos indivíduos membros da forma social. O horizonte comum de experiências, significados, produção de sentido, partilha de valores e, por último, mas não menos importante, o desenvolvimento dos afetos são todos intermediados e expressos por esse arcabouço simbólico que o Capital institui.

Capacidade de certos eventos, surgidos num contexto psicológico, histórico e social apropriado, de induzir uma cristalização afetiva que se realiza no molde de uma estrutura preexistente. (STRAUSS, 2013, pág. 218).



O horizonte simbólico compartilhado na subjetivação capitalista reproduz aquilo que poderíamos representar por homens coisas, seres reificados, mediados pela forma mercadoria, os quais não encontram vocabulário para nomear afetos ou para articular experiências de auto-reflexão. A estrutura de subjetivação e o conjunto dos signos que compõe a função simbólica intercambiada organizam as experiências dos indivíduos.

Em A Eficácia Simbólica, capítulo do livro de Levi Strauss, Antropologia Estrutural, ilustra-se a dimensão da importância envolvida no processo de nomeação das experiências pelos sujeitos e o papel do campo simbólico nesse processo de nomeação.

O léxico individual no qual cada um de nós acumula o vocabulário de sua história pessoal, mas que tal vocabulário só adquire sentido, tanto para nós mesmos quanto para os outros, na medida em que o inconsciente o organiza de acordo com suas leis, fazendo dele, assim, um discurso. (...) O vocabulário importa menos do que a estrutura. (...) A estrutura permanece a mesma, e é por ela que a função simbólica se realiza. (STRAUSS, 2013, pág. 219)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de tomada de consciência de si como sujeito é a caminho rumo a saída da consciência de coisa, posto que sujeitos reificados não se veem como sujeitos, não elaboram suas experiências, não nomeiam seus afetos, coagem e desestimulam ações de auto reconhecimento.

Para que a elaboração de novas subjetividades se apresente no horizonte se faz condição que os sujeitos possam imaginar para fora dos limites a que estão sujeitados. Atravessa o caminho da criação de novas possibilidades o reconhecimento da natureza e dos limites da subjetivação coisificada. A reivindicação da consciência de si como *Sujeitos* reivindica conjuntamente a criação de novas possibilidades de existência.

O sujeito do trabalhado é aquele que não se identifica na atuação reificadora do trabalho assalariado, a consciência de si como sujeito vai de encontro ao processo de desalienação.

Todas as sociedades são racionais e irracionais ao mesmo tempo. Elas são forçosamente racionais em seus mecanismos, suas engrenagens e rodas, seus sistemas de conexão e até pelo lugar que atribuem ao irracional. No entanto, tudo isto pressupõe códigos ou axiomas que não são produtos do acaso, mas que não são intrinsecamente racionais. É como na teologia: tudo acerca disso é racional se você aceitar o pecado, a imaculada concepção, a encarnação. A razão é sempre uma região recortada do irracional – não protegida do irracional, de todo modo, mas uma região atravessada pelo irracional e definida apenas por um certo tipo de relação entre os fatores irracionais. Debaixo de toda a razão está o delírio à deriva. *Tudo é racional no capitalismo, exceto o capital ou o próprio capitalismo.* (DELEUZE; GUATARRI, 1995, destaque nosso)

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento, Fragmentos Filosóficos.* Tradução: Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *A queda do Céu. Palavras de um Xamã Yanomami.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANTUNES, Jadir. *Marx e o Fetiche da Mercadoria: Contribuição à Crítica da Metafísica.*

- Jundiaí: Paco Editora, 2018.
- ANTUNES, Jadir. BENOIT, Hector. *O Problema da Crise Capitalista em O Capital de Marx*. Jundiaí: Paco Editora, 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas, vol. I*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- COSTA, D. V.-C. R. M. A Lógica Subjacente Ao Reconhecimento Na Fenomenologia do Espírito de Hegel. *Aufklärung: Revista De Filosofia*, 1(2), p.79–104. 2014. <https://doi.org/10.18012/arf.2016.19316>
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. vol. 5*, São Paulo: Editora 34, 1980.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *O Antiêdipo. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Ed. Assírio & Alvim, 1974.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Capitalism: A Very Special Delirium. 'Chaosophy'*, ed. Sylvere Lothringer, Autonomia / Semiotexte 1995. Disponível em: , acessado 5 março 2018.
- GRESPLAN, Jorge. *Marx e a Crítica do Modo de Representação Capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GRESPLAN, Jorge. *O Negativo do Capital: O conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- GRESPLAN, Jorge. *A Desmedida da Crise*, in *Discurso*, São Paulo, 1996, nº 27, pág. 117-137.
- GRESPLAN, Jorge. *A dialética do avesso*. *Crítica Marxista*, São Paulo, 2002, nº14, p, 26-47.
- HAYEK, Friedrich. *Direito, legislação e liberdade*. São Paulo: Visão, 1985, v. III.
- HEGEL, G. W. F. *Filosofia do Direito, Linhas fundamentais da filosofia do direito ou direito natural e ciência do estado em compêndio: primeira parte: o direito abstrato*. Tradução, introdução e notas: Marcos Lutz Müller. *Analytica*, vol. 1, nº2, Campinas, 1994.
- HEGEL, G. W. F. *Filosofia da história*. Tradução Maria Rodrigues e Hans Harden, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis: Ed. Vozes Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2013.
- LABICA, Georges. *As "Teses sobre Feuerbach" de Karl Marx / Georges Labica*. Tradução Arnaldo Marques; revisão técnica João Quartim de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- LOCKE, John. *Segundo Tratado sobre o Governo Civil*. São Paulo: Edipro, 2014.
- LUBENOW, J. A. *Emancipação Pela Ação Comunicativa: A Leitura Crítica De Habermas Da Dialética Do Esclarecimento E O Esgotamento Do Programa Emancipatório De Horkheimer E Adorno*. *Aufklärung: Revista De Filosofia*, 1(2), p.35–58. 2014. <https://doi.org/10.18012/arf.2016.20244>
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe. Estudos sobre a dialética marxista*. Tradução: Rodnei Nascimento, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *O Capital, Crítica da Economia Política*. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, São Paulo: Nova Cultural, Os Economistas, 1985.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri, São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, Karl. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner; e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2011a.
- MARX, Karl. *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857 – 1858. Elementos fundamentais para a crítica da economia política. [Primeira parte]*. Tradução: Mario Duayer, Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011b.
- MATÉ, Gabor. *Vícios têm origem em traumas e não estamos atacando as causas do problema*. disponível em: < >, acessado 19 nov. 2019
- PERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PRADO, Eleutério F. S. *Economia, complexidade e dialética*. São Paulo: Editora Plêiade, 2009.
- ROCHA, C. de J. Ensaio “Sobre Sujeito e Objeto” de Theodor Adorno como trânsito à sua Teoria Crítica. *Aufklärung: Revista De Filosofia*, 7(3), p.147–158. 2020. <https://doi.org/10.18012/arf.v7i3.53082>
- ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de o capital de Karl Marx*. Tradução Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- REICHEL, Helmut. *Sobre a Estrutura Lógica do Conceito de Capital em Karl Marx*. Tradução Nélcio Schneider, Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- STRAUSS, LEVI. *Antropologia Estrutural. Capítulo: A Eficácia Simbólica*. São Paulo: Cosac

Naify, 2013.

WEBBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

## NOTAS

- 1 A posição kantiana remonta à Crítica à Razão Pura, a razão interessada em apreender a totalidade encontra um limite inscrito em sua própria forma, quanto mais a razão busca conhecer toda a realidade objetiva, mais ela produz conhecimento fragmentado, pois não alcança a totalidade nem os objetos nela inscritos, apenas os fenômenos e produz a partir deles conhecimento parciais.
- 2 Ao analisar o percurso da razão pelas sociedades, Max Weber afirmou que o desenvolvimento do Racionalismo Ocidental levou mais longe o projeto da razão. Concepção assentada na perspectiva de que, conforme se dá o avanço da razão, ocorre a autonomização das esferas de valor, que, segundo o mesmo, gera o aprofundamento do desencantamento do mundo, a organização por critérios tidos como racionais, a predileção pelo cálculo e eficiência, a não totalização dos processos, dentre outros. Para mais: *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*.
- 3 Sobre a relação sujeito e objeto na teoria crítica, ver: ROCHA, C. de J. 2020.
- 4 Por exemplo, “no modo de representação capitalista (*kapitalistische Vorstellungweise*) esses motivos de compensação (...) se torcem em motivos de origem e (subjetivamente) de legitimação do próprio lucro. Também “a loucura do modo de representação capitalista atinge aqui seu ápice”. (GRESPLAN, 2019, pág. 10).
- 5 Pergunta que Etienne de la Boétie, século XVI, em Discurso da Servidão Voluntária, já buscava compreender.
- 6 O capitalismo atua constantemente como força preventiva na contrarrevolução em diversos territórios e campos sociais, com o intuito constante de esvaziar e desmobilizar organizações outras, que não estejam submetidas ao homogenizador padrão capitalista, nas palavras do professor Reginaldo Nasser.
- 7 O exemplar maior a que estamos nos referindo de *Sujeito* pleno seria aquele presente na Fenomenologia do Espírito, o *Sujeito* hegeliano é Ser e Essência, sua natureza é una, aqui reivindicado como íntegro, pleno, uno, etc.. Sobre o processo de reconhecimento desenvolvido na Fenomenologia do Espírito ver: COSTA, D. V.-C. R. M. A Lógica Subjacente Ao Reconhecimento Na Fenomenologia do Espírito de Hegel. *Aufklärung: Revista De Filosofia*, 1(2), p.79–104. 2014. <https://doi.org/10.18012/arf.2016.19316>
- 8 Referência se faz necessária a toda a tradição Lukácsiana sobre reificação e consciência de classes. Para mais: LUKÁCS, 2003.
- 9 Nova geração revê 'masculinidade tóxica'; em estudo, 70% relatam serem treinados a 'ser macho'. Folha de São Paulo, 30, ago, 2019. < <https://folha.com/w7ifk0yq>>.
- 10 Não estamos ajudando as pessoas a lidar com seus traumas e resolvê-los. (...) Nós continuamos a perguntar "o que está errado com você?!", quando deveríamos perguntar "o que aconteceu com você?". 'Vícios têm origem em traumas e não estamos atacando as causas do problema' <>. 19 nov. 2019.
- 11 Tradução proposta por Antônio Flávio Perucci da expressão weberiana *Stahlhartes Gehäuse*. O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito em WEBER, 2013, pág. 40.
- 12 O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pág. 21). Para uma análise crítica de Dialética do Esclarecimento: LUBENOW, J. A., 2014
- 13 (...) De outro lado, o poder que cada indivíduo exerce sobre a atividade dos outros ou sobre as riquezas sociais existe nele como o proprietário de valores de troca, de dinheiro. Seu poder social, assim como seu nexos com a sociedade, [o indivíduo]

traz consigo no bolso. (MARX, 2011b, pág. 157).

14 É o estado nação que vai adicionar, ou diminuir axiomas para aquilo que escapa na nossa sociedade, a depender da isomorfia história pela qual atravessa o Estado, social democrata ou totalitário. Vide Proposição XI: O que vem primeiro? e Proposição XIII: O Estado e suas formas (DELEUZE; GUATARRI, 1980).

186

15 Para esses autores, a produção de subjetividade no capitalismo produz desejo, não interesse.

16 A verdadeira economia de mercado pressupõe que o governo, o aparelho social de compulsão e coerção [escreveu Mises com o endosso de Hayek ], se empenhe em preservar o funcionamento do sistema de mercado, se abstenha de obstruí-lo e o proteja contra a intromissão de outrem (HAYEK, 1985b, pág. 69, apud, PRADO, 2009, pág. 171).